

DIPLOMACIA

INTEGRAÇÃO

Região amazônica poderá ter secretaria

O Brasil quer fortalecer a coordenação política dos países da região no debate de temas estratégicos

Jamil Chade

Brasília

O Brasil quer dar maior poder ao Tratado Amazônico, que reúne, desde 1978, os oito países da região — Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela, além do próprio Brasil. A proposta de Brasília é de institucionalizar o bloco, criando uma Secretaria Permanente para os assuntos amazônicos e fortalecendo a coordenação política dos países sobre temas estratégicos. “Estamos propondo o estabelecimento de um fórum de concentração política permanente na Amazônia”, diz o ministro Fernando Simas Magalhães, chefe da Divisão da América Meridional da chancelaria brasileira.

O local e o orçamento para a futura Secretaria já estão defini-

dos. O Brasil está oferecendo um espaço de 330 metros quadrados no Ministério das Relações Exteriores e concorda em arcar com 35% dos gastos anuais para a manutenção do organismo. Pelo cálculo do governo brasileiro, a sede do bloco amazônico consumiria cerca de US\$ 1,1 milhão por ano, distribuídos em quotas diferenciadas para cada país membro.

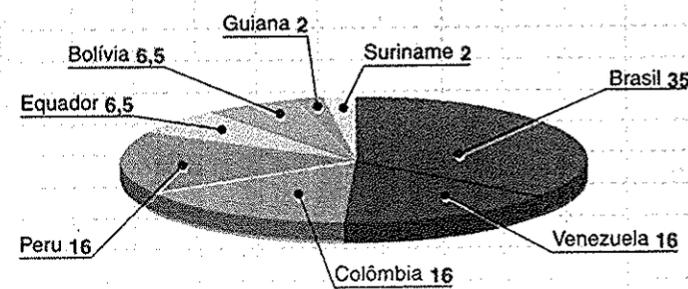
País assumirá 35% dos gastos de manutenção

Assinado em um momento delicado para a região amazônica, o Tratado teve como objetivo reafirmar a soberania dos países sobre os recursos da floresta. Vinte anos depois, com a redução do temor de sua internacionalização, os governos observam que a função do Tratado deve ser outra. “Não podemos considerar o acordo que temos como um escudo contra o mundo, mas

como uma forma de interagir com a comunidade internacional”, diz Magalhães. Uma das principais mudanças será dar ao bloco a condição de personalidade jurídica internacional, permitindo que a futura Secretaria assine acordos com instituições internacionais e tenha voz nos fóruns multilaterais.

Pela preservação

Proposta de participação dos países no orçamento da Secretaria do Tratado Amazônico - em %



Fonte: MRE

jetos de infra-estrutura e de preservação ambiental.

Para Magalhães, “a nova realidade internacional exige que tenhamos novos instrumentos de coordenação e a Secretaria servirá como um ponto central e permanente de reflexão sobre os temas da Amazônia”. O organismo seria o principal local de debates entre organizações não-governamentais e estados. “Queremos democratizar o Tratado e tornar os debates sobre a Amazônia cada vez mais transparentes”.

Para que a proposta brasileira de criar a Secretaria seja aprovada, Colômbia, Guiana e Equador ainda precisam ratificar a idéia. A chancelaria brasileira garante, porém, que a demora na definição desses governos ocorreu apenas por problemas políticos internos e até 2001 uma nova etapa das relações entre os países amazônicos deve ser inaugurado. □

França quer fim de isolamento na região

A França quer fazer parte do Tratado Amazônico. O governo de Paris é o único da Europa a ter um território na América do Sul, a Guiana Francesa, que enfrenta problemas ambientais, sociais e econômicos idênticos aos dos países amazônicos. A intenção da França é romper com anos de isolamento político e econômico na região. “Queremos fazer parte da América do Sul”, diz um diplomata da embaixada francesa no Brasil.

O pedido, porém, não tem o apoio dos governos dos países da região e, além disso, o Tratado Amazônico não prevê a inclusão de novos membros. Funcionários do governo brasileiro ressaltam que o departamento não passa de um local estratégico para os interesses europeus na Amazônia, além de ser uma base privilegiada de lançamentos de satélites da União Européia. “Se querem fazer parte da América do Sul, que

seja dada a independência da Guiana”, afirma o funcionário. A chancelaria brasileira, entretanto, não descarta que os países amazônicos possam atuar em conjunto com o governo francês em áreas de interesse, como em temas ambientais e mesmo na construção de infra-estrutura que possa dinamizar as relações com seus vizinhos.

Estrada é um dos principais projetos para unir a região

Um dos principais projetos para acabar com o isolamento da Guiana Francesa é a construção de uma estrada que ligará a capital do departamento europeu, Caiena, à Macapá, capital do estado brasileiro do Amapá. A embaixada da França em Brasília garante que irá concluir a pista entre Caiena e a fronteira brasileira até o final do ano e o governo de Paris já destinou US\$ 15 milhões para a realização da obra. Faltaria a construção da estrada do lado brasileiro, além da ponte sobre o rio Oiapoque, calculados em cerca

de US\$ 35 milhões. Com a conclusão do projeto, autoridades francesas acreditam que não apenas as relações do departamento com a América do Sul se transformariam, mas também o próprio abastecimento do território francês, feito até hoje exclusivamente a partir da França. O resultado da dependência com a Europa é desastroso tanto para economia local quanto para os cofres franceses. Os produtos que chegam à Guiana acabam sendo vendidos pelo dobro do preço original e, cada vez mais, o governo francês é obrigado a destinar recursos públicos para manter os cerca de 200 mil habitantes do território.

Para se ter uma idéia do isolamento de Caiena, até recentemente, uma carta enviada da capital da Guiana a qualquer localidade do Amapá tinha de passar por Paris, ir para São Paulo e depois seguir para o Amapá, percurso no qual poderia levar quase um mês. A situação começou a mudar com o estabelecimento

de vôos diários entre Belém, no Brasil, e Caiena.

Para a embaixada da França em Brasília, o Brasil poderá ser o grande beneficiado com a inserção da Guiana na região. Em 1999, o comércio entre Caiena e seus vizinhos foi praticamente inexistente. O diplomata francês acredita que, com a estrada, poderá haver o trânsito regular de caminhões entre os países, dinamizando o comércio do norte da América do Sul e reduzindo a dependência da Guiana em relação à França.

Não é a primeira vez que o Brasil servirá como fornecedor de produtos à Guiana. Durante a invasão dos alemães à França, na década de 40, as rotas entre a Europa e Caiena foram interrompidas e a população local recebeu ajuda dos produtores do norte do Brasil.

Desta vez, a preocupação da França é quanto ao futuro dos empresários locais. “Por muito

tempo, os comerciantes da Guiana tiveram o monopólio de mercado e a inserção do departamento na região irá representar o fim dessa situação”, diz o diplomata que aponta os acordos comerciais como forma de equilibrar a entrada dos produtos brasileiros na Guiana Francesa.

De fato, as mercadorias do Brasil teriam vantagens significativas em relação aos produtos franceses. Além de pagar um frete menor que as importações francesas, os brasileiros contam com um câmbio mais competitivo em relação ao franco. “O Brasil poderá tirar grande proveito dessa situação”, diz o diplomata. Pelo menos uma empresa brasileira já descobriu o potencial do mercado da Guiana Francesa. A Cervejaria Antártica começou a exportar para lá e, segundo a assessoria da empresa, até o final do ano o produto brasileiro poderá dominar o mercado local. □ (J.C.)

Produto brasileiro é mais barato que o francês